

Num Bonde no Flamengo

Na doce manhã primaveril eis que eu estava debruçado na amurada da praia do Flamengo. Reencontrava-me com desejos e anseios perdidos por ali, enquanto observava, com profunda melancolia, as máquinas hostis encarregando-se de destruir a graça antiga do local, tão exaltada pelos poetas do nosso e de outros tempos. E as águas azuis da baía mingravam sob a força do aterro, ao passo que a praia desaparecia entre os resíduos largados pelo progresso.

E ainda havia bondes. Bem poucos, é verdade, mas que passavam altivos e compenetrados, continuando a cumprir sem esmorecimento a missão que lhes era destinada. O desenfreado trânsito urbano não os afetava, pois sabiam que em seus trilhos ninguém se intrometeria.

E por que os bondes seguiam calmamente seus destinos, com as cores desbotadas à luz do sol matinal, resolvi entrar num deles.

E lá vem o cobrador com o seu quepe quadrado e o retinir contínuo do relógio, que marca o pagamento das passagens, anuncia a sua movimentação hábil pelo estribo, desviando-se das pessoas agarradas aos balaústres, enquanto o bonde, envolvido no ressoar rangente e áspero de suas rodas, avança e prossegue pela avenida, atravessando confluências de trilhos, soltando faíscas e revelando-me, subitamente, em seu interior imagens de um passado que não é meu, mas que está dentro de mim.

E surgem damas ostentando compridos vestidos e enormes chapéus - elegantes representantes da *belle époque* -, acompanhadas de cavalheiros trajando imponentes sobrecasacas e cartolas; mas, ao mesmo tempo, já são as alegres melindrosas dos *twenties*, com as saias curtas e joelhos à mostra, tendo ao lado os multicoloridos rapazes dos trajes quadriculados e chapéus palhetas que invadem o bonde nos gloriosos carnavais dos corsos e batalhas de confete, ansiosos para chegar à Cinelândia e à Avenida Rio Branco, onde aconteciam os folguedos de Momo.

Mas, em seguida, contemplando o mar inquieto e amedrontador de tempo de guerra sou eu, aos quatro anos de idade, indo para o centro da cidade, enquanto minha mãe e minha tia disputam o pagamento das passagens, e distinguindo a suave igreja do outeiro da Glória e o hotel do mesmo nome, destacando-se no cenário e, quase ao lado, seu concorrente, o sofisticado Hotel Suíço, com suas linhas arquitetônicas européias, local de inextinguíveis recordações para minha mãe, que lá viveu felizes dias de sua juventude e (anos depois) inexplicável nostalgia para mim, que não presenciei o seu áureo tempo; e ainda (no prosseguimento da imodificável trajetória) observando com atenção o Pão de Açúcar e a sua predominância sobre a paisagem e a praia (hoje enterrada), com a sua amurada de pedra e as infindáveis variações das cores

do mar e o exuberante arvoredo e as folhagens do Catete e os banquinhos da Praça Paris com casais de namorados da década de 1940 trocando juras de amor e o céu, tão azul e tão límpido, que faz com que as oscilações das montanhas ao longe pareçam também pertencer os seus domínios.

E é o mesmo céu, o mesmo mar e as mesmas montanhas, cenário de tantos cenários, que eu via, na doce manhã primaveril, num bonde no Flamengo. (1965)